

e convém deter-nos um momento para ilustrar tal método. As personagens mais importantes, Proust as faz passar por tantas fases que seria impossível traçar-lhes resumidamente as histórias. Podemos anotar, contudo, as transformações de uma das personagens secundárias.

Encontramos pela primeira vez Mme de Villeparisis numa estação de veraneio à beira-mar, Balbec; a avó do narrador conheceu-a nos tempos de escola, mas, supondo, com a sua modéstia e bom gosto característicos, que Mme de Villeparisis pertence a uma classe social superior, nunca mais procurou vê-la. Mme de Villeparisis, todavia, reconhece a antiga condiscípula em Balbec e insiste em recebê-la. A velha marquesa leva-lhe o neto a passear: parece, ao rapaz, o tipo perfeito da grande senhora; encanta-o com anedotas de pessoas famosas que haviam sido amigas de seu pai e que, quando criança, acostumara-se a ver em casa. Quando o rapaz volta para Paris, entretanto, ela o convida a uma de suas recepções, e ele fica sabendo que a posição social de Mme de Villeparisis não é, de modo algum, tão brilhante quanto supusera: por alguma razão, ela desclassificara-se socialmente; muita gente não lhe frequenta a casa. É, outrossim, uma espécie de literata: pinta e publica memórias, tendo, por isso, deixado de ser típica de sua classe. É invejosa, por vezes mesquinha, um tanto formalista e algo patética. Mas o jovem nunca deixa de perguntar-se de que horrível pecado Mme de Villeparisis poderia ser culpada para ter merecido tal ostracismo; não consegue imaginar nada de suficientemente ignominioso, nada que tal mulher pudesse ter feito e que outras mulheres que tais não praticarem todos os dias com impunidade. Faz uma tentativa de descobrir a razão por meio do sobrinho dela, Charlus, mas descobre apenas que, no que concerne a Charlus, Mme de Villeparisis não é absolutamente *déclassée*: é simplesmente sua tia e uma Guermantes, e a opinião do mundo exterior nunca o afetou. Explica Charlus ao jovem, contudo, que o falecido M. de Villeparisis era um João-ninguém, sem qualquer título, e que tinham inventado o Villeparisis apenas para que ela pudesse usar um. Mas anos depois, em Veneza, o narrador vê Mme. de Villeparisis no salão de refeições do hotel onde está hospedado e entreouve a sua conversa, à mesa, com o velho diplomata M. de Norpois, que tem sido amante dela há anos. Trata-se de uma dessas trocas de palavras banais e lacônicas, entre pessoas que viveram muito tempo juntas e que nada têm de novo a dizer-se: discutem compras, o mercado de títulos, o cardápio. Mme de Villeparisis está desfigurada por uma espécie de eczema que lhe rebentou na face;

parece fatigada e envelhecida. Quando um príncipe italiano vem até a mesa deles, M. de Norpois vigia-a implacavelmente, com seus severos olhos azuis, para que ela não cometa nenhum daqueles lapsos que, quando eram ambos mais moços, o divertiam. Um romancista comum deixaria a situação nesse ponto. Mas, com Proust, o desfecho da história ainda está por vir — numa transformação final, que é retrospectiva. Quando o narrador deixa o salão de refeições e reencontra sua mãe lá fora, encontra também certa Mme Sazerat, uma antiga, excelente e assaz enfadonha vizinha de Combray. Mme Sazerat, desde que eles a conhecem, tem vivido de parcos recursos. Quando, por acaso, ele menciona o fato de Mme de Villeparisis encontrar-se no salão de refeições, Mme Sazerat pede a ele que lhe aponte: foi por causa dela, explica, que seu pai se arruinou. “Agora que papai está morto”, acrescenta, “meu consolo é o de saber que amou a mais bela mulher de seu tempo.” O herói leva-a até o salão de refeições e tenta mostrar-lhe Mme de Villeparisis. Todavia, Mme Sazerat objeta: “Não é possível que estejamos contando a partir do mesmo lugar. Pela minha conta, não há na segunda mesa senão um cavalheiro idoso e uma velhinha horrenda, desganhada e corcovada.” Compreendemos, com espanto, que o que o jovem nunca lograra imaginar era simplesmente o fato de que Mme de Villeparisis fora um dia bela, inescrupulosa e cruel, arruinara vidas e despedaçara corações, como a própria Odette de Crécy. A habilidade com que Proust suscita tais efeitos constitui uma das mais surpreendentes características de sua arte: à medida em que cada revelação é feita, vemos com clareza que a descrição prévia da personagem se ajusta igualmente bem à nossa nova concepção, sem que, no entanto, jamais tivéssemos antevisto a surpresa. Por detrás da variada série de aspectos, temos consciência da personalidade como uma criação completa e inconfundível: a série, conforme diz Proust, descreve sua curva.

Voltando, porém, à história no ponto em que a deixamos, vamos entrar agora no inferno das paixões, do qual tivemos anteriormente apenas vislumbres. O caso amoroso do herói com Albertine, que é compensado, logo no início do livro, por sua paixão pela filha de Swann, forma o episódio culminante, elaborado com enorme riqueza de pormenores. O narrador se apaixona por uma moça que, em quase todos os respeitos, constitui-lhe o oposto: é vivaz, sensual, provocante. Órfã, não tem dinheiro e vê-se obrigada a viver com uma tia, que não lhe tem nem dela merece qualquer afeto. A tia é uma burguesa insípida, mas existe, em Albertine, muito do *gamin* parisiense. En-